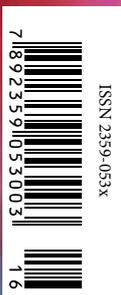


ANO 2 - NÚMERO 16 - FEVEREIRO 2016

apuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10



Carnaval
A maior alegria
do mundo

ECOLOGIA

PEQUENA VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

p. 24

URBANIDADE

CATRACAS PARA QUÊ?

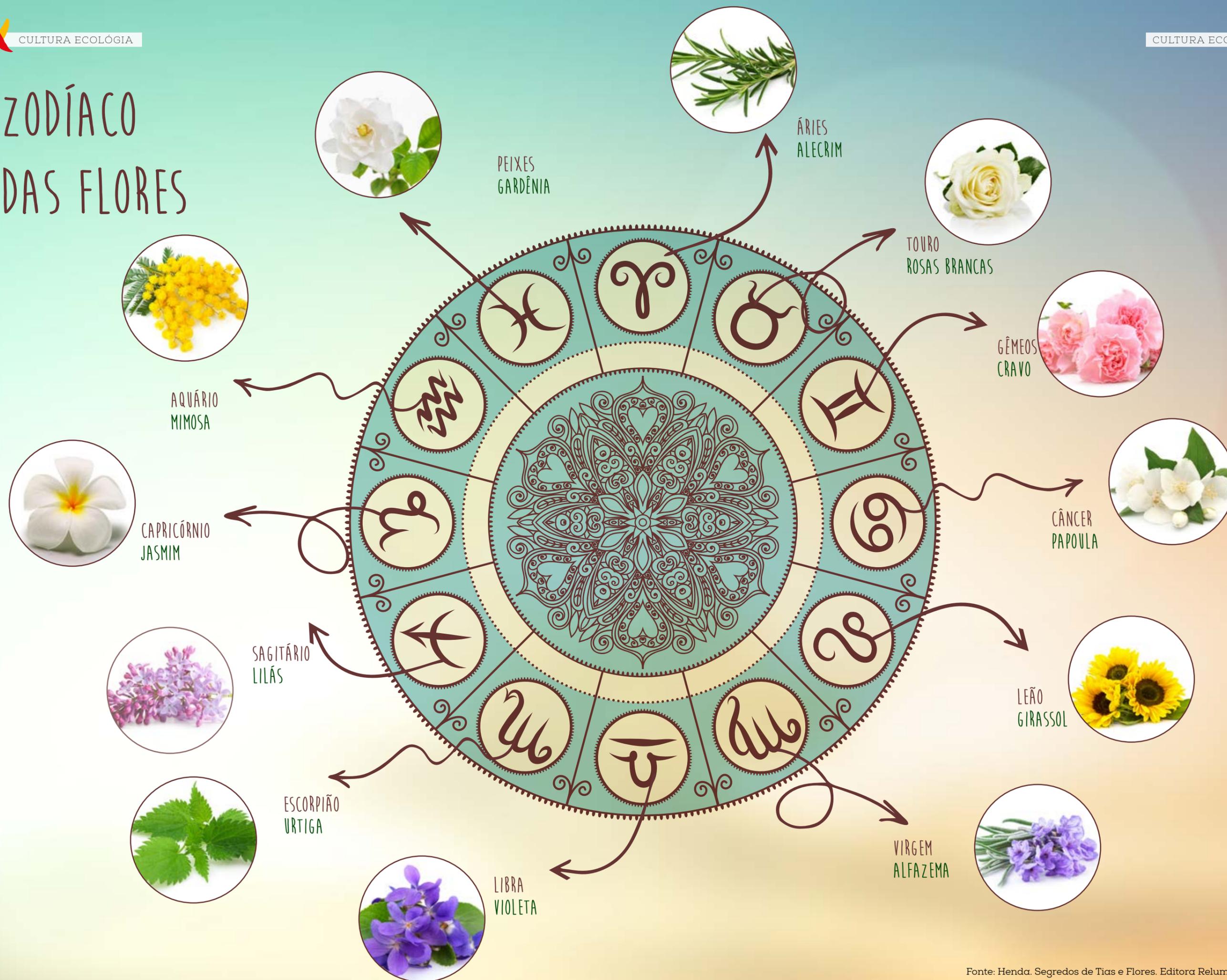
p. 30

MEMÓRIA

CHIQUINHA GONZAGA

p. 36

ZODÍACO DAS FLORES



“O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras.”
Manoel de Barros

COLABORADORES/COLABORADORAS FEVEREIRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo e Antropólogo; Antenor Pinheiro – Jornalista; Cláudio Barbosa – Jornalista; Eduardo Pereira – Produtor Cultural; Iêda Vilas-Bôas – Doutoranda em Literatura, Escritora; Irapuã Jeferson – Fotógrafo; Jacy Afonso – Sindicalista; Jaime Sautchuk – Jornalista, Escritor; Leonardo Boff – Filósofo, Teólogo, Escritor; Lúcia Resende – Mestre em Educação; Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno – Diretor Administrativo Instituto Galileu; Rui Faquini – Fotógrafo; Thiago Brito Rios de Miranda – Publicitário; Vânia Viana – Ambientalista; Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|-------------------------|----------------------|
| 1. Jaime Sautchuk | 7. Jacy Afonso |
| 2. Zezé Weiss | 8. Juan Pratginestòs |
| 3. Altair Sales Barbosa | 9. Elson Martins |
| 4. Binho Marques | 10. Neusimar Coelho |
| 5. Cássia Oliveira | 11. Ronei Alves |
| 6. Graça Fleury | 12. Rui Faquini |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental

Telefone: (061) 9974-3761. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9974-3761; Eduardo Pereira (61) 9829-1020. Edição: Jaime Sautchuk (61) 9918-0983 e Zezé Weiss (61) 9974 3761. Capa: Foto Rogério Alves/TV Senado; Revisão de Textos: Lúcia Resende e Zezé Weiss. Revisão de design: Eduardo Pereira. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires – 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins – auxiliar de serviços administrativos. Tiragem: 20.000 exemplares. Mídias Sociais: Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Circulação: Revista Impressa – Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Tocantins. Revista Web – Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

Dificuldades econômicas, a ponto de caracterizar uma crise, estariam tirando o sono da população brasileira. Mas eis que chegou fevereiro, veio o Carnaval e, com ele, todos os males deram lugar à maior alegria do mundo. Milhões e milhões de pessoas foram às ruas, do Caburá ao Chuí, participar de um dos mais belos e grandiosos espetáculos populares da Terra.

Este é o tema central desta edição de Xapuri. Esboçamos uma breve história desta festa, que nasceu alhures, mas se tornou brasileira ao se misturar com os ritmos, danças, melodias e alegorias de uma cultura rica, multifacetada, como é a nossa. E os momentos de conagração e fraternidade que ela gera.

De quebra, registramos algumas experiências sustentáveis na produção do Carnaval e rememoramos Chiquinha Gonzaga, autora da primeira marchinha gravada. É, pois, motivo de alegria falar de tanta alegria.

A proliferação do vírus Zika gerou a decretação de estado de emergência global por parte das Nações Unidas (ONU). É um mal cuja origem ninguém sabe ao certo, que é transmitido pelo mosquito *Aedes Aegypti*, o mesmo que difunde a dengue e outras doenças.

O Zika mata uma parte de suas vítimas e, como a paralisia infantil, deixa sequelas permanentes, porque atinge gravemente uma outra parte com a microcefalia. Sua ampla procriação se deve aos desequilíbrios ambientais criados por nós mesmos, em todo o Planeta. Como existe um capim que parece afugentar o mosquito, passamos a informação pra você.

Mas não paramos por aí. Vários outros temas relevantes sobre a ecologia, a cidadania, o meio ambiente, a urbanidade, a cultura, a sustentabilidade, ganham espaço nessas páginas que você começa a folhear.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk
Editores



11 **CURIOSIDADES**
Você sabia?

20 **AGROECOLOGIA**
Citronela

12 **CAPA**
Carnaval - A maior alegria do mundo

30 **URBANIDADE**
Catracas para quê?

16 **CARNAVAL**
Carnaval Sustentável

40 **PERFIL**
Rui Faquini
Os grandes horizontes

09 **CURTAS**

34 **MITOS E LENDAS**
Lobisomem - O terror da Quaresma

18 **CIDADANIA**
Mudar o mundo a partir da aldeia

36 **MEMÓRIA**
Chiquinha Gonzaga

24 **ECOLOGIA**
Pequena viagem ao centro da Terra

38 **EDUCAÇÃO**
MP - GO pede a suspensão das OSs na Educação

42 **MEIO AMBIENTE**
São Paulo - Avanços sustentáveis

26 **ECOTURISMO**
Morro do Urubu

45 **BIODIVERSIDADE**
No Cerrado tem...

28 **GASTRONOMIA**
Tucupi - O versátil caldo do Norte

46 **SUSTENTABILIDADE**
Indicações para o caminho certo

Xapuri - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!



Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info



Vir a Brasília e comprar a @revistaxapuri não tem preço. Obrigada, Xapuri, pela leitura maravilhosa. **Kátia Costa Cunegundes, Rio de Janeiro - Rio de Janeiro.**



Fui falar de corujas e deu nisso. Minha foto saiu na Xapuri. Obrigada! **Keyla Soares, Brasília - Distrito Federal.**



Revista de qualidade e compromisso. Obrigado por participarem do nosso encontro! **Tony Lopes, Coordenador do movimento Ocupe o Lago. Brasília, Instagram: @ocupeolago**



Paulo Garcia, prefeito de Goiânia, capital do estado de Goiás, também é leitor assíduo da Xapuri.

Queria que vocês observassem minha disputa com a minha filha pela Xapuri. Depois que a revista chega, não consigo nem ver, porque ela leva até para o Colégio. Segundo ela, cada número sai ainda melhor que o anterior! **Magda Curado Martins, Formosa - Goiás.**

As imagens mais populares da @revistaXapuri

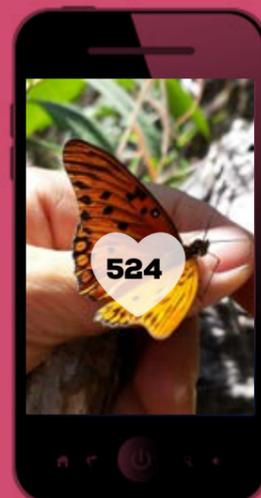
@weiss_guru



@jeanscortegagna



@marisa_lima



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

POVO KA'APOR COMBATE DESMATAMENTO ILEGAL

Como muitos outros povos indígenas brasileiros, os Ka'apor do Maranhão estão travando uma renhida luta contra o desmatamento ilegal em seu território. Como forma de resistência à constante entrada de tratores e caminhões para acabar com o que resta de suas matas nativas, a comunidade da Reserva Alto Turiaçu, com cerca de 2,2 mil pessoas, resolveu organizar sua própria milícia. Desde 2011, os Ka'apor controlam

a entrada de forasteiros em sua Terra Indígena, combinando tecnologias tradicionais, como o arco e a flecha, com tecnologias mais modernas, como o rastreamento por GPS. Os Ka'apor relatam uma significativa redução do roubo de madeira, porém a um custo muito alto: quatro Ka'apor foram assassinados desde o início da milícia indígena, e várias outras lideranças estão sob ameaça de morte na Reserva Alto Turiaçu.

COPO ECO REDUZ DESPERDÍCIO NO CARNAVAL

Um dos principais blocos carnavalescos do Rio de Janeiro, o Spanta Neném, aboliu os copos descartáveis no Carnaval deste ano. Para isso, o bloco selou parceria com a empresa Capim Selo Verde para a fabricação dos copos ecologicamente corretos usados pelas 30 mil pessoas que acompanharam o bloco em 2016. Quem esteve com o Spanta Neném teve a opção de pagar R\$ 5 pelo reutilizável copo Eco e, ao final da folia, devolver e receber o dinheiro de volta, ou levar o copo pra casa. Segundo a organização do bloco, isso reduziu consideravelmente o volume de lixo e tornou o Carnaval mais ecológico e mais limpo. A produção dos copos ficou por conta da Cooperativa Transformando, do bairro do Caju, e gerou ocupação, renda e inclusão social para ex-detentos do Rio de Janeiro. Chico Nogueira, coordenador do Spanta Neném, ressalta que o copo reutilizável, feito de materiais recicláveis, é 25 vezes menos impactante do que os copos descartáveis disponíveis no mercado nacional.

ENERGIA EÓLICA DE VENTO EM POPA

Em 2015, os parques eólicos do Nordeste bateram recorde de produção, gerando 30% de toda a energia da região. O número é apenas um pouco menor que o volume gerado por usinas térmicas e hidrelétricas no Nordeste. Considerada uma das fontes de energia mais limpas e renováveis, a energia eólica representa alternativa preferível não só para regiões que sofrem com estiagens duradouras como o Nordeste, mas também para todo o Brasil. Segundo a presidenta da Associação Brasileira de Energia Eólica, Elbia Melo, os parques eólicos vêm se expandindo no país e espera-se que, até 2020, os ventos se tornem a segunda maior fonte de energia no Brasil.

VOCÊ SABIA?

Thiago Brito Rios de Miranda



Primeira fase da obra concluída

Mais de 10 mil torcedores conferiram a conclusão da primeira etapa das obras de reestruturação do Estádio Jonas Duarte. O novo campo, que foi a parte mais modificada, será palco dos jogos do campeonato goiano.



A Prefeitura de Anápolis criou o programa Esporte para Todos, que visa a iniciação e o aperfeiçoamento esportivo de mais de 17 mil crianças e adolescentes, com

uma estrutura de 124 professores e 156 monitores. O programa atua em 50 locais da cidade levando a prática do atletismo, natação, futebol de campo, judô, fut-

sal, basquete e handebol. Por meio de parcerias, possibilita o convívio social, além de estimular o espírito de equipe e a descoberta de talentos.

- Existe um "rio" subterrâneo abaixo do Rio Amazonas. O chamado Rio Hamza tem 6 mil km de comprimento e está a 4 mil metros de profundidade.
- Cientistas afirmam que passar uma semana na natureza acampando, sem aparelhos eletrônicos, reinicia seu relógio biológico e sincroniza seus hormônios do sono com o nascer e o pôr do Sol.
- As copas das árvores nunca se tocam, mesmo que fiquem umas por cima das outras. Até as árvores respeitam o espaço alheio...
- O macaco Titi é uma espécie descoberta recentemente, cujos casais ficam juntos para a vida inteira e costumam entrelaçar suas caudas quando estão lado a lado.



Quer ler mais curiosidades como essas? Acesse @fatosinacreditaveiss no Instagram!



Thiago Brito Rios de Miranda
Publicitário, Editor.

@fatosinacreditaveiss othiagorios



Carnaval

A maior alegria do mundo

Jaime Sautchuk

O Carnaval é uma festa muito antiga, que nasceu na Europa, mas cresceu e ganhou formas no Brasil. Do que foi lá no seu começo, há vagas lembranças em livros históricos e em nomes de personagens que ainda são usados, mas foi aqui que se incorporaram os ritmos, danças e alegorias que fazem dele o maior do mundo.

Gera um mar de alegria e

movimenta rios de dinheiro.

A "Ala das Baianas", quesito obrigatório nos desfiles de escolas de samba do Rio de Janeiro, evidencia essa coloração pindorama na festa. É uma referência ao samba de roda dos ajuntamentos de negros da Bahia, das quebradas do Pelourinho ao Recôncavo, da Maracangalha dos antigos canaviais aos quilombolas da Chapada Diamantina. Está ali a origem do samba.

O folclorista potiguar Luis da Câmara Cascudo aponta a folia do "Entrudo", de Portugal, como a verdadeira origem do Carnaval brasileiro. A brincadeira de rua incorporada pelos escravos, dos mor-

ros e sobrados cariocas aos canaviais do Pernambuco, virou uma festa de congregação cultural e social, em muitos casos.

Embora haja registros da prática do Entrudo desde o século 17, sua manifestação mais generalizada, misturada com outras festas europeias, em especial na Itália e na França, se deu a partir do início do 19. Eram desfiles urbanos, onde os carnavalescos usavam máscaras e fantasias.

Seus personagens, como a colombina, o pierrot e o Rei Momo, foram incorporados ao Carnaval brasileiro. O deus Momo, em verdade, representava o Divino Espírito Santo em rituais de origem africana.

Toda essa movimentação foi magistralmente retratada pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret nos anos que passou no Brasil (1817-1831).

PLEBE E NOBREZA

Muita gente da elite na corte imperial considerava o Entrudo uma festa suja e violenta, embora a maioria dos senhores liberasse os escravos pra folia. E ali, de fato, valia tudo. Afinal, a origem do nome se refere aos três dias que antecedem a quaresma, mas também ao fato de os participantes entrarem nas rodas de rua, lojas de comércio, bares, casas, em tudo.

Os entrudos melavam seus corpos e cabeças com ovos, farinhas, talco, gomas de vários tipos e saíam pelas ruas jogando tudo isso, mais frutas podres e muita água de cheiro, em quem estivesse pela frente. Batiam desordenadamente em tambores e no que tivessem à mão. E gritavam o que viesse à cabeça, que muitos não queriam ouvir.

As elites refinadas de origem portuguesa ou já nativa

fazia o mesmo tipo de festas, mas em recintos fechados, como clubes e teatros. Usavam máscaras em vez das massas, e jogavam pós e papéis picados, que viraram os nossos confetes e serpentinas.

Mas essa segregação nem sempre ocorria. Um exemplo era dado pelo próprio imperador Dom Pedro II, que gostava de marcar presença em festas populares, na maioria religiosas, até porque todas veneravam a "realeza". Ele foi visto mais de uma vez se aproximando de entrudos e jogando ovos podres e talos de verduras nos outros. No país inteiro, muitas vezes as festas se misturavam e virava uma grande fuzarca, com entrudos de todas as faixas sociais.

O NASCIMENTO

Por causa disso, talvez, na década de 1850 houve um grande movimento no Rio, puxado pela imprensa, contra os entrudos. Foi num crescendo e, antes do período momeco de 1854, a festa foi proibida, dando lugar a um evento mais "organizado e civilizado", segundo os jornais.

Como tudo que ocorria na capital repercutia no resto do país, pesquisadores apontam 1854 como o ano de surgimento do Carnaval Brasileiro. O primeiro desfile do Carnaval carioca que hoje conhecemos foi realizado no ano seguinte, pelo grupo Congresso de Sumidades Carnavalescas. O primeiro hino, O abre alas, de Chiquinha Gonzaga, foi às ruas em 1899.

A confraria congregava gente dos palácios, funcionários públicos e intelectuais, que usavam máscaras, jogavam talco e seguiam algumas carruagens enfeitadas, que mais tarde viraram os carros alegóricos.

As músicas eram as mes-

mas marchas-rancho que tocavam antes, nos bailes fechados. Muitos grupos (blocos) populares seguiam o cortejo. Outros se espalhavam pelas cidades, como ainda hoje ocorre. Brasil afora, além dos carnavais oficiais, as ruas são tomadas por blocos soltos ou pipocas, como os baianos chamam os foliões desgarrados.

As escolas de samba do Rio nasceram já no século 20, no modelo atual, colocando a gestão de sua atividade nas mãos da comunidade, servindo de exemplos a outros estados. Antes, os corsos de carrões conversíveis é que tomavam as ruas da cidade. E as músicas eram marchinhas, que deram lugar ao samba.

A primeira escola surgiu na década de 1920, criada pelo sambista Ismael Silva, e se chamava Deixa Falar (hoje Estácio de Sá). O primeiro concurso de desfile foi em 1929, com a participação de outra pioneira, a Vai Como Pode, hoje Portela. A partir de 1930, no governo de Getúlio Vargas, o funcionamento dessas entidades foi regulamentado.

Contudo, ainda no século anterior, o Carnaval ganhava configuração própria em cada uma das províncias, a divisão territorial que antecedeu os estados. Mas os bailes em clubes continuaram a existir em todas as partes e, a rigor, ainda hoje são realizados no Brasil inteiro.

Nas ruas, a Bahia já misturava essa nova festa com os afoxés, manifestações de origem africana, que hoje formam enormes blocos, como Filhos de Gandhi, Ilê Ayê e Olodum, com mais de 5 mil figurantes cada. Em Pernambuco, o frevo tomava as ruas do Recife, e o maracatu, as de Olinda. Na Amazônia, o carimbó ocupava as capitais e cida-



nas cidades onde há concursos de escolas de samba, a apuração da votação no desfile é feita dias depois, e vira festa até bem depois da quarta-feira.

Em quase todas as capitais e cidades de médio porte, o Carnaval começa até duas semanas antes do normal. São eventos batizados com os mais diversos nomes, mas todos com a mesma finalidade de começar logo a festa, que chega a durar uns quinze dias, em muitos lugares.

des
do interior.

No país inteiro, o Carnaval já começava também a invadir o período da quaresma. Em Corumbá, hoje Mato Grosso do Sul, por exemplo, o domingo após o Carnaval era reservado ao "enterro dos ossos", destinado ao rescaldo de festas (comer e beber o que sobrou). Isso durou até a década de 1930, quando, por pressão da Igreja Católica, deixou de ser realizado.

O Carnaval estendido, pra frente e pra trás, hoje é comum em todo o país. Em Salvador, alguns trios-elétricos saem na quarta-feira de cinzas, e o arrastão instituído por Carlinhos Brown entre os bairros do Farol da Barra e Ondina se estende por vários dias.

No Distrito Federal, um bloco de garçons, ocupados durante o Carnaval, arrasta gente pelas ruas na quarta. E

ECONOMIA

No começo, os carnavalescos bancavam sua alegria. Com o tempo, o Carnaval passou a ser um evento que movimenta bilhões de reais. A começar pela ajuda que os governos estaduais e municipais, em geral, reservam nos seus orçamentos de cultura, lazer e turismo. Mas vai muito além.

A geração de empregos durante o período, em atividades ligadas diretamente à festa, é de cerca de 250 mil vagas, segundo a Associa-

ção Brasileira das Empresas de Serviços Terceirizados e Trabalho Temporário (Asserttem).

Os empregos são principalmente na área de serviços, desde os trabalhos em cozinhas, transporte e vendas, até segurança. É incalculável, porém, o número de pessoas que atuam de forma indireta, na hotelaria, em bares, restaurantes, quiosques de rua, guiagem de turistas, atendimento de saúde, aluguel de carros e casas de particulares.

As escolas de samba, trios e blocos de rua também conseguem boa renda com a cessão de espaço publicitário em seus carros, equipamentos e vestimentas, ou com o tema desenvolvido. Por exemplo, se uma



e s -

cola de São Paulo, digamos, sai com uma exaltação a um setor industrial, a associação daqueles empresários estará bancando os custos do desfile.

As escolas, especialmente as do Rio e de São Paulo, mantêm suas estruturas em funcionamento o ano inteiro, em atividades educacionais, artísticas e de preparação do próximo Carnaval. Na capital paulista, essas entidades são ligadas a torcidas organizadas de clubes de futebol, o que amplia seu leque de ação.

Na Bahia, o Carnaval sempre foi solto na rua, até 1950, quando os músicos Dodô e Osmar resolveram colocar alto-falantes sobre um fordeco que eles tinham, dando origem aos trios-elétricos que, ainda hoje, dividem os espaços com os blocos de rua mesmo, todos lucrando um bom dinheiro com a venda de abadás, que credenciam os compradores a "pular" dentro da corda do seu grupo.

E também tem o turismo. As estimativas oficiais são de que, nos últimos anos, foram realizados cerca de 10 milhões de deslocamentos no país. O Rio recebe mais de um milhão de turistas, brasileiros e estrangeiros. Salvador e Recife vêm logo a seguir, com

perto de 700 mil visitantes cada.

Em 2016, a rede hoteleira do Rio de Janeiro, de Salvador, Recife e outros centros fecharam 100% de suas vagas desde meados de janeiro. No período, cada hotel reforça em pelo menos 40% seu quadro de funcionários e cobra seus preços sem os descontos normais no setor.

Seja qual for sua origem, portanto, o que se pode dizer é que Carnaval é uma festa brasileiríssima. Uma festa democrática ao extremo, que ignora credos, cores e posses, unindo o país inteiro no riso e na alegria. Pura felicidade.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

Carnaval SUSTENTÁVEL

Cláudio Barbosa

MANAUS

Manaus deu brilho à festa mais popular do Brasil aproveitando materiais recicláveis. A Escola de Samba Reino Unido da Liberdade levou para o "Sambódromo" o tema "Na arte de se comunicar, vem meu reino encantar", apostando na reciclagem dos materiais. "Transformamos o lixo em arte", explica o artista plástico Misael Costa. Já a Escola de Samba Andanças de Ciganos desfilou com o tema "A perfeição das cores, sob o olhar pitoresco do imaginário". O samba-enredo fala da beleza da natureza, de sonhos multicoloridos, faz uma referência à canção 'Aquarela', de Toquinho, e relembra os 40 anos da agremiação, completados em 2015.

Em época de responsabilidade econômica e consciência ambiental, escolas e blocos reciclam materiais e mantêm a tradição de reverenciar a mãe natureza. Como acontece todos os anos, de forma criativa, os blocos carnavalescos e as escolas de samba trouxeram temas homenageando o meio ambiente em seus eventos, sambas, figurinos, alegorias e personagens.

RIO DE JANEIRO

O Carnaval do Rio também investiu na natureza e na sustentabilidade. O quinto carro da Mocidade Independente de Padre Miguel, "Sagrada Insurreição", foi feito em material reciclável. No enredo "O Brasil de La Mancha: sou Miguel, Padre Miguel. Sou Cervantes, Quixote cavaleiro, Pixote brasileiro", o carro retratou o sofrimento de retirantes nordestinos por causa da seca, da fome e da miséria. Já a Acadêmicos de Santa Cruz, escola do grupo de acesso, se destacou na Sapucaí com seu enredo ecológico. "Flores em vida! Flores à vida. Oh, Tupã! Não adormeças! Não deixe este verde chegar ao fim! O teu reino místico há de brotar da Sumaúma em meio a floresta e há de se levantar e replantar novas cores. Deuses, seres da mata, atendam ao chamar da floresta. É chegada a hora. Tupã! Levanta as folhas e, dos deuses, a cura", diz um dos trechos do samba-enredo da escola.

RECIFE e OLINDA

O Galo da Madrugada, maior bloco de rua de Recife, homenageou Chico Science e a esperança na natureza "com o tema Armações de Lentes Brilhantes, mas prefiro chamar de o Galo da Esperança", diz o escultor Sávio Araújo. "Além da cor verde referente à natureza, o galão ganhou uma calda semelhante a folhas de coqueiro, e uma crista vermelho-fogo representando a ganância no mundo", explicou o artista, autor da alegoria. O Galo desfilou com carros alegóricos em referência a Chico Science e ao Manguebeat, com o tema "Galo, Frevo e Manguebeat". O abre-alas mostrou passistas de frevo lembrando o mangue e caisais remetendo aos africanos e à Nação Zumbi. No carro "Manguebeat" apareceram caranguejos e urubus, além de atores representando as pessoas que trabalham no mangue. Em Olinda, Chico Science foi homenageado pelo bloco Minhocão. O Carnaval transmitiu a alegria e o compromisso do cantor com a natureza.

SÃO PAULO

A escola de samba X9 Paulistana desfilou com um assunto de dar água na boca, o açai, fruto típico da Amazônia que já conquistou os quatro cantos do mundo. O enredo "Açai Guardiã - Do amor de Iaçá ao esplendor de Belém do Pará" levou para o sambódromo do Anhembi os costumes e pontos turísticos da cidade, como o Mercado do Ver-o-Peso, e ressaltou os vários usos do açai, além do alimento: as folhas servem de telhados para as ocas e malocas; a raiz, de chá para curar a dor; o tronco, para a produção de palmito, as fibras e frutos para o artesanato, e o óleo para a indústria dos cosméticos, na fabricação de shampoo, sabonete e produtos de beleza.

SALVADOR

Em Salvador, terra do maior Carnaval de rua do mundo, as ações sustentáveis se fortalecem a cada ano. Das leis ambientais municipais específicas aos camargotes ecologicamente corretos, dos temas representando a natureza às letras das músicas e aos eventos dos próprios músicos e entidades culturais e ambientais, a Bahia demonstra que sabe festejar cuidando do Meio Ambiente. Entre os blocos, um dos maiores representantes da natureza é o Afoxé Filhos de Gandhi, que promove ações de preservação da cultura afrodescendente e da religiosidade afro, ligada intimamente com a natureza. No Carnaval de 2016, o bloco levou às ruas o enredo "Ewé Orò - A comunicação entre o sagrado e o axé. Ko Si Ewe, Ko Si Orixá - Sem Folhas Não Existe Orixá".



Cláudio Barbosa
Jornalista

MUDAR O MUNDO A PARTIR DA ALDEIA A CIDADE É DO POVO. É DA CIDADANIA

Jacy Afonso de Melo

O Brasil possui 5.570 municípios. Mais de 90% da população está na área urbana. São Paulo, com quase 12 milhões de habitantes, possui população maior que a de vários países. Alguns outros possuem grandes extensões territoriais, como Altamira no Pará. Com seus 159.533,730 Km², é maior que os estados de PE, AL e SE juntos, e quase duas vezes maior que Portugal.

A Constituição Federal de 1988 reconheceu o Município como ente da federação, inserindo-o na organização político-administrativa do Estado. Os municípios passaram a ter competências constitucionais específicas, e algumas em comum com a União, com os estados, como a política ambiental.

Há competências concorrentes: a União edita normas gerais; estados, DF e municípios suplementam essas regras e as adaptam às peculiaridades locais; Exemplo: a legislação sobre orçamento.

As competências privadas dos municípios estão no Artigo 30 da Constituição Federal - legislar sobre assuntos locais; instituir e arrecadar tributos; prestar serviços públicos de interesse local, como o de transporte coletivo - de caráter essencial; manter, com a cooperação técnica

da União e do Estado, programas da educação infantil e do ensino fundamental; prestar, com a colaboração da União e do Estado, serviços de saúde; promover o ordenamento territorial e a proteção do patrimônio histórico-cultural local.

Porém, a grande maioria dos municípios brasileiros possui estruturas administrativas pouco organizadas e com recursos financeiros, logísticos e humanos restritos. As escassas possibilidades de geração de receitas próprias os tornam dependentes das transferências dos governos estaduais e federal, limitando suas ações para a promoção do desenvolvimento local e a valorização de seus profissionais.

Sem a realização de reforma agrária e com um projeto que estimula o consumo de bens duráveis e concentra nas cidades a oferta de serviços básicos e programas assistenciais, estas se tornaram possibilidade de uma vida melhor. Coerente com o processo de segregação, os brasileiros com menor renda foram empurrados às periferias, sem possibilidade de inserção efetiva à cidade.

Para os expulsos dos centros economicamente viáveis, sobram as terras não regularizadas, os espaços precários nas periferias, os locais de risco, os loteamentos irregulares. Fora dos mapas e dos cadastros, não se beneficiam dos serviços públicos

essenciais, como luz, água e saneamento.

Consequências: baixa qualidade de vida, violência, déficits habitacionais e de infraestrutura, enchentes, desmoronamentos com mortes, desmatamentos, ocupação de Áreas de Proteção Permanente, poluição, congestionamentos, cresci-

tuto das Cidades, aprovação dos marcos regulatórios do saneamento, dos resíduos sólidos, aprovação de Planos Diretores, retomada das políticas de habitação e saneamento.

Exemplo de ação governamental importante para desenvolvimento municipal: Programa Territórios da Cidadania, que agrupa municípios próximos e com características similares, para promover o desenvolvimento econômico e universalizar programas básicos de cidadania por meio de uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável.

Outro exemplo: Programa de Aquisição de Alimentos promove o acesso à alimentação e incentiva a agricultura familiar. Estimulou a Lei 11.947/2009, que determina que no mínimo 30% do valor repassado a estados, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação para o Programa Nacional de Alimentação Escolar seja utilizado na compra de gêneros alimentícios da agricultura e do empreendedor familiar.

O Brasil está comprometido com a promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, definidos pela ONU em 2015 para os próximos 15 anos, a serem implementados com o engajamento dos municípios. Garantem direitos de educação, transporte, lazer, saúde, alimentação, saneamento, acessibilidade, igualdade. Destaca-se o objetivo 11, que exige maior protagonismo dos governos

locais.

Os desafios exigem coragem para implementar as mudanças que garantam moradia digna em locais regularizados; habitação, emprego, mobilidade urbana, lazer, ambiente saudável, trabalho; acesso aos serviços para quem mora no campo; vida digna e bem-estar a todos/as; exercício pleno da cidadania. Essa, a lógica do poder voltado para o interesse público.

A aposta precisa ser na democracia participativa, que promova e valorize a comunidade. O chão para esse exercício é o município, que tem poder para, a partir do fortalecimento local se transformar em indutor de políticas públicas para outras esferas.

O Brasil possui conhecimento técnico, experiência profissional acumulada, e planos e leis que regulam a implementação de um desenvolvimento sustentável para a maioria da população. Os trabalhadores/as municipais, para atender a população de forma adequada, precisam ser valorizados e qualificados para que essa atenção seja aprimorada.

As próximas eleições para prefeitos e vereadores dizem respeito ao poder local. É hora de avaliar propostas e cobrar compromisso com a justiça e a igualdade dos cidadãos, para que se efetive a cidadania nas cidades. O princípio é de que, para mudar o mundo, temos que começar mudando a própria aldeia. Ou seja, a partir do município, construir esse outro mundo possível, com dignidade e cidadania.



Jacy Afonso
Sindicalista

CITRONELA

O CAPIM QUE ESPANTA O MOSQUITO

AEDES AEGYPTI

Em tempos de epidemia de dengue, zika vírus e chikungunha, nossa tendência é nos besuntar de pesticidas e repelentes que, embora afastem os insetos, também causam danos à saúde humana, porque contêm várias substâncias tóxicas.

Outro caminho, mais saudável e mais sustentável, é reduzir a incidência de insetos com o uso de plantas repelentes, fáceis de cultivar em nossos jardins, varandas, ou mesmo em vasos dentro de casa.

O alecrim, o crisântemo, a lavanda e o manjeriço afastam moscas e mosquitos. A

hortelã espanta formigas.

Já contra o Aedes Aegypti, mosquito transmissor da dengue, da chikungunha e do assustador zika vírus, uma das plantas conhecidas por sua eficácia é a citronela. O site www.bolsademulher.com traz informações do farmacêutico Fernando Costa, professor doutor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo, de que a citronela contém, além de outras substâncias repelentes, o geraniol, óleo essencial das folhas da planta, capaz de repelir o mosquito.

Por seu poder de ação con-

centrado, Costa recomenda o uso do óleo essencial, em vez da erva plantada em casa. "Esse é o modo mais eficaz de usar a citronela para repelir os mosquitos. Por ter baixa toxicidade, ele pode ser usado na pele sem a mesma dispersão do óleo que aconteceria com o uso em ambientes", explica o farmacêutico.

Existem vários produtos, como incensos, velas, sprays e similares, preparados à base do óleo essencial, cujas substâncias ativas contribuem para repelir mosquitos como borrachudos, pernilongos e o próprio mosquito da dengue.



Aproveite suas férias.
Deixe sua casa sob nossos cuidados.

TASS

61 3033 3333



Para o presidente da Fenae, Jair Pedro Ferreira, é hora de unificar e intensificar a luta contra o projeto que ameaça, entre outras empresas públicas, a Caixa, o BNDES, a Petrobras e os Correios. Programas sociais que beneficiam a população brasileira também serão afetados, caso a proposta seja aprovada no Congresso Nacional

É urgente unificar a luta dos trabalhadores e da sociedade contra o PLS 555/2015. Essa foi a conclusão do seminário sobre o projeto que foi realizado no dia 27 de janeiro, em Brasília (DF). Organizado por entidades representativas, o evento reuniu trabalhadores de várias categorias, como bancários, petroleiros, portuários, metroviários, urbanitários, eletricitários, químicos, comerciários e funcionários de universidades públicas, entre outros. No total, cerca de 130 pessoas acompanharam as discussões.

Uma das principais deliberações do encontro foi a Criação do Comitê Nacional em Defesa das Empresas Públicas, formado por cinco centrais sindicais (CUT, CTB, Intersindical, CSP-Conlutas e Nova Central), além da Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal (Fenae) e a Federação Única dos Petroleiros (FUP). Também será estimulado que comitê estaduais e municipais sejam implementados. O grupo será coordenado por Maria Rita Serrano, representante dos empregados no Conselho de Administração da Caixa.

"Graças à nossa mobilização, conseguimos evitar a votação do PLS 555 em 2015. Agora, é

hora de intensificar as ações, porque é muito grande a possibilidade de a proposta ser apreciada a qualquer momento, até mesmo na surdina. Ela não pode passar, pois só traz prejuízos", afirmou o presidente da Fenae, Jair Pedro Ferreira. Maria Rita Serrano disse: "Temos o Congresso mais conservador dos últimos tempos, o que demanda atenção a tudo que está sendo colocado na pauta. Faremos de tudo para vencer essa batalha contra o projeto".

PROBLEMAS DO PLS 555

No seminário de 27 de janeiro, Luiz Alberto dos Santos, especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental, enumerou os principais problemas da proposta. "Para começar, existe vício de iniciativa, pois legislar sobre organização da administração pública é com-



petência exclusiva da União. Também há limitação dos órgãos societários e engessamento da atuação social das estatais", explicou.

Luiz Alberto ainda ressaltou que é papel das entidades representativas esclarecerem os senadores e deputados. "O rito da proposição também apresenta problema. Ela pode ser emendada, mas há baixo grau de consenso entre os parlamentares. O problema é que estamos em regime de urgência, e a matéria volta à discussão no dia 3 de fevereiro. As entidades precisam trabalhar junto aos presidentes da Câmara e do Senado", declarou.

OUTRAS OPINIÕES

Para Ari do Nascimento, da CUT, é preciso nacionalizar o debate sobre o PLS 555/2015. "Caixa, Petrobras e BNDES são as meninas dos olhos. Mas há outras empresas, estaduais e municipais, que também estão inseridas nessa lógica de Estado privatizado", disse. Emanuel Souza de Jesus, da CTB, acrescentou: "O jogo que está sendo jogado é o da redução e do desmonte do Estado para passar as tarefas para o mercado. Temos que nos mobilizar, inclusive nas redes sociais, e produzir materiais contra essa proposta".

Na avaliação de Rita Lima, da Intersindical, o combate ao PLS 555 é uma oportunidade para reunificar as forças combativas. "Sugiro divulgar, de forma mais didática, o caráter desse projeto. Pressionar os parlamentares nas bases estaduais também se faz necessário. E botar a boca no trombone e chamar a sociedade, porque ela está em risco", afirmou. Geraldino dos Santos, da CSP-Conlutas, endossou: "Vamos nos unir para fazer o enfrentamento desse e de outros projetos da mesma natureza".

Também presente no seminário sobre o projeto, a deputada federal Érika Kokay (PT-DF) lembrou que as empresas estatais são instrumentos estratégicos para manter o projeto atual de desenvolvimento econômico e social. "É muito importante unificarmos o conjunto de trabalhadores das empresas que serão afetadas. Temos que dizer que modelo de Brasil queremos. Esse PLS traz de volta a tentativa de abrir o capital da Caixa e ainda criminaliza o movimento sindical. Já vimos esse filme e não o queremos novamente", alertou.

João Antônio de Moraes, da FUP, qualificou que a proposta está aliada à direita neoliberal. "Ao longo de nossa história, não tivemos ações que viessem a atender aos pobres. O PLS 555 ataca todas as esferas e todas as empresas. Esse Comitê em Defesa das Estatais precisa continuar. E que cada entidade retire um nome para levar para as associações, nas bases. É

urgente que haja uma forte militância para a defesa das empresas públicas em todos os níveis", frisou.

Murilo Barella, diretor do Departamento de Coordenação e Governança das Empresas Estatais (DEST), órgão vinculado ao Ministério do Planejamento, observou que a proposta distorce o que são as estatais. "O que está por trás é a concepção de Estado. É preciso que as entidades estejam juntas. O PLS 555/2015 traz uma série de dispositivos que afetam o atendimento dos programas sociais. Como ele está, as estatais se tornam sob a ótica do setor privado. Esse PLS é um conjunto de armadilhas", sentenciou.



Todas as informações sobre a luta contra o PLS 555/2015 podem ser obtidas no hot site www.diganaoapls555.com.br.



PEQUENA VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

Altair Sales Barbosa

De acordo com estudos da Física Contemporânea, que baseia suas conclusões na dispersão das micro-ondas, acredita-se que o Universo se originou há cerca de 13 bilhões de anos. A Terra, juntamente com o Sistema Solar, se formou há 4 bilhões e 600 milhões de anos.

No início, a Terra era frequentemente bombardeada por pequenos planetas e meteoritos. Esse fenômeno convertia a sua superfície em um mar de magma, mas também liberava para a primitiva at-

mosfera do planeta vapores de água, oriundos da fissura de minerais silicatados. A Terra era uma bola de fogo.

Por volta de 4 bilhões e 300 milhões de anos, a superfície esfriou o bastante para permitir a precipitação da água atmosférica. O Planeta foi recoberto por um oceano que o circundava todo, numa profundidade média de 4 km. A precipitação dessa água possibilitou a formação da crosta terrestre, formada de basaltos antigos.

Mais tarde, a presença da água em estado líquido permitiu a formação de grandes profundidades do granito, que por sua densidade emergiu até a superfície formando as terras emersas, mais tarde constituídas nos continentes atuais. O mar primitivo que circundava o planeta ainda sequestrou Carbono da atmosfera, possibilitando a formação de rochas carbonatadas, incluindo o Calcário.

A Crosta Terrestre, ou Crosta Continental, ou Placa Crustal, resultou desse resfriamento e é constituída em sua maior parte por ma-

terial sólido, tendo até 100 km de profundidade, com média de 30 km, variando de espessuras maiores nas montanhas até espessuras menores no fundo oceânico.

A crosta não é contínua, mas se nos apresenta na forma de grandes placas que flutuam sobre uma fina camada fluida, denominada Astenosfera, que marca o início do Manto da Terra. É na Crosta Terrestre onde se desenvolve toda forma de vida conhecida no Planeta.

Abaixo da Crosta Continental existe o chamado Manto da Terra que se divide em Manto Superior ou Externo e Manto Inferior ou Interno. O Manto Externo se situa de 100 km a 670 km de profundidade. Seu estado físico é o de um fluido muito viscoso que confere ao planeta propriedades físicas peculiares.

Abaixo do Manto Superior, situa-se o Manto Inferior, ou Mesosfera, que abrange de 670 km a 2.900 km de profundidade. Embora seja aparentemente sólido, estranhamente exibe características de fluido. Desse modo, se algo pesado for colocado sobre a superfície da Terra por um longo tempo, o peso será transmitido ao manto, formando uma depressão.

É no Manto da Terra onde se formam as correntes de

convecção, responsáveis pelo campo magnético do Planeta e uma sucessão de fenômenos que atingem a sua superfície, desde o vulcanismo, tectonismo, aquecimento e resfriamento das águas oceânicas, que modificam as correntes marítimas, que por sua vez influenciam nas correntes aéreas, mudando o clima continental, etc.

Logo abaixo da camada que forma o Manto Interno, encontra-se o Núcleo Externo com a profundidade de 2.900 a 5.100 km. Sua composição é quase igual à composição do Núcleo Interno, mas contém cerca de 10% de oxigênio. A consistência é de um fluido macio por onde circulam lentas correntes de convecção.

Abaixo do Núcleo Externo encontra-se o Núcleo Interno, com profundidade de 5.100 km a 6.400 km de profundidade. É formado por compostos metálicos de Ferro, Níquel e Enxofre. Apesar de apresentar uma altíssima temperatura de acima de 5.000°C, permanece em estado sólido dada a alta pressão.

Como se pode observar, o Planeta Terra que se configura abaixo dos nossos pés é constituído por camadas que funcionam em equilíbrio. Hoje, conhecer a Terra superficialmente é uma tarefa não muito difícil, tendo em vista o advento técnico do Sensoriamento Remoto.

Mas o conhecimento do interior do Planeta é muito difícil e se baseia na dispersão das ondas sísmicas já que as grandes

perfurações com intuito econômico ou científico ainda não ultrapassaram 14 km. Sendo o raio da Terra (metade do diâmetro) de 6.400 km, essas perfurações são insignificantes.

O importante a salientar é que o magnetismo da Terra, bem como o clima, a água e a própria vida do planeta dependem das forças energéticas que movem esse dinâmico dinamismo que é o interior da Terra.

E, por incrível que pareça, até as camadas da atmosfera, da Troposfera à Magnetosfera, dependem em parte dos fenômenos que ocorrem na crosta terrestre, que são

consequências dos fenômenos ocorridos nas camadas inferiores do interior da Terra, podendo também afetar essas camadas.

Portanto, a Terra é um sistema interdependente, ainda em equilíbrio, e só dessa forma pode ser compreendida. A Terra é um planeta dinâmico.

Altair Sales Barbosa

Pesquisador do CNPq, Doutor em Antropologia e Arqueologia pela Smithsonian de Washington DC. In O piar da Juriti Pepena. PUC Goiás, 2014.

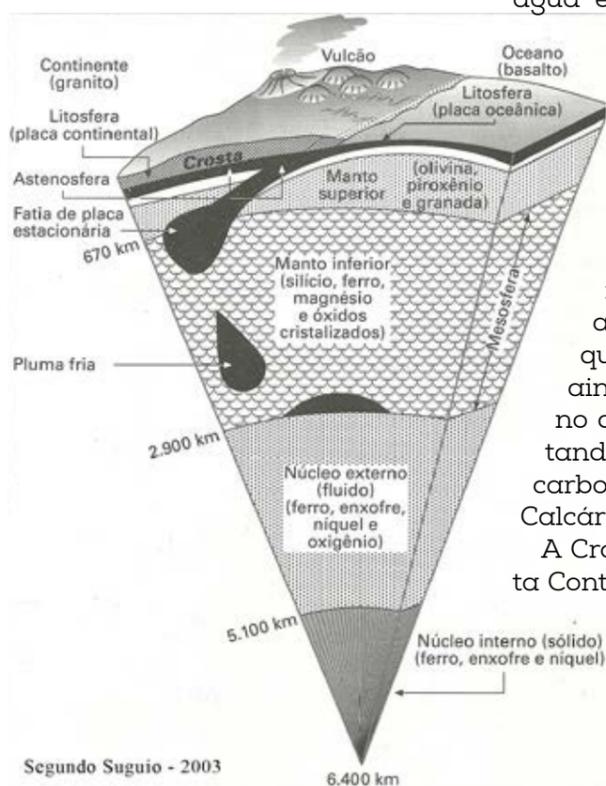




Foto: Neto Silva



Foto: Daniel Castro Vieira

MORRO DO URUBU PARAÍSO DO VOO LIVRE NO CERRADO

Eduardo Pereira

Aqui bem perto da sede da Xapuri, no município goiano de Formosa, existem incríveis atrativos nacionalmente conhecidos das pessoas amantes da natureza e do Ecoturismo, como o Salto do Itiquira que, com seus 168 metros, é conhecido como a oitava maior queda de água, e a segunda maior queda livre de águas do Brasil.

Logo depois do Itiquira (em Tupi, fartura das águas), fica o Morro do Urubu, ou Rampa

do Sargento, colina bastante conhecida por quem pratica o voo livre, esporte radical que utiliza os bons ventos locais para voos curtos ou mesmo de longa distância, com asas-deltas ou parapentes.

Embora receba desportistas durante todo o ano, é no mês de agosto que, de fato, o Morro do Urubu fica mais povoado, uma vez que ali se realiza uma das etapas do Campeonato Brasileiro de Voo Livre. Durante a competição, dezenas de desportistas partem da Rampa do Sargento no Vale do Paranã para, em uma fascinante aventura, chegar até a Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

O espetáculo do voo livre

fascina também a expectadores de Formosa e da região, uma vez que ao longo do dia pode-se avistar uma infinidade de asas-deltas enfeitando os céus do Planalto Central.

Em agosto de 2015, o piloto gaúcho Mário Feliski percorreu a trajetória de 72 km em duas horas e oito minutos como treinamento do Campeonato Internacional de Brasília de Voo Livre, que reúne os melhores pilotos de todo mundo para fazer o mesmo trecho, só que passando por pilões, pontos determinados pela competição.

Devido aos ventos fortes, ou "térmicas", O Morro do Urubu no Vale do Paranã representa uma opção muito

desejável para praticantes mais experientes do esporte, porém não é uma opção favorável aos pilotos com pouca experiência.

A melhor época para realizar os voos é no período da seca, de julho a setembro. Para maiores informações, entrar em contato com o Clube de Voo Livre de Formosa: [fb.com/groups/clubedevooli-vredeformosa](https://www.facebook.com/groups/clubedevooli-vredeformosa).



Eduardo Pereira
Produtor Cultural
@weiss_guru

TUCUPI

O VERSÁTIL CALDO DO NORTE

Cláudio Barbosa

O tucupi é ingrediente indispensável na culinária do Norte do país. Trata-se basicamente do caldo que é extraído da mandioca ao processá-la. As pessoas da Amazônia usam o tucupi em pratos típicos, como o tacacá e o pato no tucupi em sua dieta cotidiana e, especialmente, para curar a ressaca em tempos de festa.

O tucupi também pode acompanhar alguns tipos de peixes, nas famosas caldeiradas. Assim como a maioria dos ingredien-

tes, a sua produção possui algumas peculiaridades, como o fato da mandioca utilizada ser da espécie "brava", altamente venenosa pela presença de ácido cianídrico em sua composição.

Dessa forma, é preciso tomar alguns cuidados na hora de preparar o tucupi. Na fase inicial, a mandioca é descascada, ralada e espremida. O caldo resultante é usado para fazer o tucupi, e a parte sólida a farinha. Primeiro deve-se remover por completo da substância a parte veneno-

sa, fervendo por várias horas o líquido amarelado, só depois pode ser consumido. O resultado é um caldo versátil, com uma acidez única.

O tucupi ganha a cada dia mais espaço fora de sua região típica, no gosto dos chefs de cozinha, e até nos diversos estudos e pesquisas sobre o seu benefício. Os pratos e caldos preparados com o tucupi são uma excelente dica para quem quer amenizar a ressaca neste Carnaval.

PATO NO TUCUPI*

Ingredientes

1 pato (de aproximadamente 2kg)
2 litros de tucupi
1 maço de chicória
3 maços de jambu
6 dentes de alho
1/2 copo de vinagre
1 limão
1 colher (sopa) de sal
1 colher de chá de pimenta-do-reino
1 colher de chá de cominho
Pimenta-de-cheiro a gosto

Modo de fazer

Lave bem o pato com limão. Deixe-o marinar com todos os temperos, vinagre, alho, sal, chicória e pimentas, de preferência, por 12 horas na geladeira. Depois, coloque o pato numa panela com água para amaciá-lo. Ele ficará pré-cozido. Em seguida, coloque-o numa assadeira e jogue o molho que sobrou por cima dele e deixe no forno até dourar. Isso deve levar aproximadamente 40 minutos. O pato deve ficar suculento. Enquanto isso, pegue os maços de jambu e leve para cozinhar com água e sal. Reserve.

Molho de pimenta

Amasse a pimenta de cheiro em uma molheira e cubra com meio copo de tucupi.

Tucupi

Coloque o tucupi para ferver com a chicória e o alho. Quando estiver bem fervido, acrescente o pato em pedaços. Quando estiver quase pronto, coloque o jambu cozido. Feche a tampa da panela e deixe apurar por alguns minutos. Está pronto o pato no tucupi, que deve ser servido com arroz branco.

*Receita da Ivone Carvalho, de Belém do Pará



Cláudio Barbosa
Jornalista



CATRACAS PARA QUÊ



Antenor Pinheiro



Foi numa tarde de agosto de 1990 que entrei num ônibus de Havana, no bairro de Vedado, rumo à Havana Velha, um percurso cansativo próximo de 15 quilômetros, mas bastante pedagógico.

O amigo Elias estava comigo, e sempre mais esperto, entrou primeiro no coletivo e rapidamente acomodou-se no assento à frente. Foi quando se aproximou um cubano e educadamente abordou Elias cutucando-lhe pelo ombro: "compañero, usted se olvidó de poner la moneda".

O jovem cubano, ao perceber Elias surpreso, apontou-lhe o recipiente metálico de moedas instalado junto à porta de entrada do ônibus, onde os passageiros depositavam qualquer valor como pagamento pela viagem.

Não havia catraca no ônibus, apenas aquele recipiente a aguardar o gesto cidadão que possibilitava a simbólica contribuição ao sistema de transporte coletivo de Havana. Elias, o esperto brasileiro, constrangido, levantou-se e foi ao encontro do "cofrinho" depositar "la moneda" lembrada pelo atento cubano, ao mesmo tempo usuário do ônibus e fiscal voluntário da coisa pública de seu país.

Cuba é um país de poucos recursos, não possui validadores de cartões magnéticos ou bilhetagem eletrônica, enfim, equipamentos de alta tecnologia destinados a receber o pagamento pelas viagens coletivas urbanas como na maioria das metrópoles brasileiras.

Esse processo sofisticado que funciona por aqui, no frágil sistema de transportes de Havana se resume ao reci-

piente metálico ("cofrinho") e, claro, no senso de responsabilidade dos cidadãos usuários.

Dai não haver também as conhecidas catracas instaladas em seus ônibus, afinal, para quê esse equipamento, se a educação na ilha é considerada a mais bem-sucedida da América Latina, como atesta o Banco Mundial (2014)? Certamente por isso, dispensam-se por lá as modernas tecnologias destinadas a impedir a ação de espertos, como o brasileiro Elias.

Logo, como se comprova, educação é lucro certo, em todos os sentidos. Como Havana, cidades europeias, americanas, canadenses, australianas e japonesas também dispensam catracas em seus ônibus. Apenas validadores magnéticos internos, os "cofrinhos" tecnológicos.

Para o funcionamento do sistema basta a consciência cidadã dos usuários, não há necessidade de dispositivos de contagem (catracas), que retardam embarques e limitam o fluxo interno de pessoas dentro dos ônibus, afinal, nesses países educação também é prioridade de Estado.

Nas cidades brasileiras a cultura da catraca nos ônibus ainda é uma dura realidade. Somos um país onde o senso coletivo, a solidariedade, a urbanidade, o sentido da escola e os valores morais ainda estão por vir – um eterno e inconcluso processo de formação.

São muitos Elias produzidos por insistentes usinas de alienação contínua, e isso requer profundas mudanças culturais. Ainda teremos de remediar por longos anos, comprometer recursos materiais em forma de investimentos para evitar evasões de "moedas" destinadas ao financiamento dos sistemas de transportes.

Por aqui, além das modernas tecnologias de validação de bilhetes, continuaremos precisando das catracas por conta de nossos baixos indicadores educacionais. Como se comprova, a ignorância encarece a vida.

Nesse contexto é preciso resgatar a experiência adotada na Rede Metropolitana de Transportes Coletivos de Goiânia. Realizada em dezembro de 2015, os gestores

do sistema aboliram as catracas em 14 linhas por dois dias seguidos, mantendo-se os validadores.

O resultado foi alentador, pois 93% dos usuários validaram seus bilhetes ou cartões magnéticos sem que houvesse a catraca a lhes controlar. Mas ainda é cedo para aferir o grau de civilidade demonstrado, pois muitos dos entrevistados posteriormente alegaram surpresa, imputando ao automatismo rotineiro e à presença de fiscais uniformizados no interior dos ônibus seu inusitado gesto cidadão.

Alguns entenderam que, mantida a supressão das catracas, os usuários não iriam consolidar seu comportamento cidadão. Ao contrário, iriam cancelar e repetir o exemplo do esperto Elias em Havana. Com a diferença de que por estas plagas não haveria o cidadão fiscal voluntário a lhes falar "compañero, usted se olvidó de poner la moneda".

Antenor Pinheiro

Jornalista, membro da Comissão Executiva da Associação Nacional de Transportes Públicos / ANTP Regional Centro-Oeste



eleve
mercado saudável
708/709 norte

Sinpro-DF leva a bandeira da Educação para Sustentação da Vida ao FSM 2016

Entre os dias 19 e 23 de janeiro, Porto Alegre (RS) viveu novamente um momento de grande efervescência dos movimentos sociais e de base, de troca e pluralidade de ideias, com a realização de mais uma edição do Fórum Social Mundial - passados 15 anos da realização da primeira, também na capital gaúcha.

Durante cinco dias, os participantes fizeram um balanço analítico desses anos e da conjuntura atual, debateram os desafios e apontaram as perspectivas na luta por outro mundo possível. Este ano, a temática foi a paz, a democracia e os direitos dos povos e do planeta como centralidade da luta.

A presença de 15 mil pessoas nas atividades em Porto Alegre ao longo desses dias comprovou que o FSM é um legado antineo-

liberal e acumulou o patrimônio de articular organizações e movimentos com profundo conhecimento teórico e político dos campos em que atua, além de grande experiência prática.

O Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF) enviou ao Rio Grande do Sul uma delegação que não ficou apenas nos bastidores - participou ativamente dos trabalhos, coordenando as atividades.

De acordo com a diretora de Políticas Sociais do Sinpro-DF, Iolanda Rodrigues Rocha, a participação da delegação do Distrito Federal foi de extrema importância neste momento de avaliação dos 15 anos do Fórum. "Ouvir Moacir Gadotti [pensador, professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e atual diretor do Instituto Paulo

Freire em São Paulo] dizer que 'a educação tem um papel fundamental na luta anticapitalista' nos instrumentaliza a lutar com toda propriedade de que somos capazes de fazer um mundo diferente e, com a certeza, um outro mundo é possível", avaliou.

"Vimos também que o atual momento é realmente delicado e exige toda uma unidade do nosso país e de toda a América Latina", observou Iolanda.

Desafios - Avaliar os 15 anos do Fórum Social Mundial remete a todos à responsabilidade de ver os pontos positivos, como o fortalecimento na luta contra o neoliberalismo, mas percebem-se também os inúmeros desafios que estão logo à frente.

"A educação popular, problematizadora e libertadora que Paulo Freire fala está muito mais que

atual", disse a diretora Iolanda Rocha, para quem a contribuição do Sindicato com a oficina Educação para Sustentação da Vida foi fundamental. "Participamos do FSM não apenas como espectadores, mas como uma entidade que é capaz de levar ao mundo a sua contribuição com essa proposta de transformação social e, acima de tudo, socioambiental", afirmou.

Em sua Carta de Princípios, o Fórum esclarece que propõe uma globalização tecida por interesses e responsabilidades mútuas, na qual todos têm seus interesses preservados e são interdependentes, algo como uma imensa teia de obrigações recíprocas e de direitos igualmente respeitados, principalmente os da própria natureza.

"Temos o compromisso de organizar a luta e defender os direitos da classe trabalhadora e do planeta Terra que, assim como nós somos oprimidos por esse sistema capitalista e predatório, a Terra é também oprimida e explorada como se os seus recursos fossem infinitos", finalizou Iolanda.

EDUCAÇÃO PARA SUSTENTAÇÃO DA VIDA

"A SUSTENTABILIDADE NÃO TEM A VER APENAS COM A BIOLOGIA, A ECONOMIA, A ECOLOGIA, TEM A VER COM A RELAÇÃO QUE MANTEMOS COM NÓS MESMOS, COM OS OUTROS E COM A NATUREZA."

MOACIR GADOTTI



Mauro Sérgio Félix Sabino, professor da Regional de Ensino do Plano Piloto, afirmou, sintetizando, que "nós do Sinpro-DF temos orgulho de estar sempre representados no Fórum, que teimosamente insiste em afirmar que um outro mundo é possível!".

Ao término dos trabalhos, a plenária dos movimentos sociais aprovou a Carta de Compromissos do Fórum Social Mundial e fez a convocação para o grande Fórum Social Mundial, que ocorrerá no mês de agosto de 2016, em Montreal, Canadá.



Delegação do Sinpro-DF em Porto Alegre, durante o Fórum Social Mundial 2016



Moacir Gadotti: "a educação tem um papel fundamental na luta anticapitalista"

LOBISOMEM

o terror da Quaresma

Lúcia Resende

Passou o Carnaval, vieram as Cinzas, entramos na Quaresma. É hora de precaução. Afinal, diz a lenda que é agora que o lobisOMEM ataca.

Desde que o mundo é mundo e que os 12 deuses habitaram o Olimpo, tem-se notícia de um ser meio homem meio lobo que ataca às madrugadas de terças e sextas-feiras, sem escolher lugar. E dizem também que os ataques acontecem com mais frequência nas noites de lua cheia e que, na Quaresma, com mais intensidade.

Por aqui, o lobisOMEM chegou nas caravelas dos portugueses, fez morada e multiplicou-se. Em uma casa de sete filhas, se nascer um homem, não escapa, vira lobisOMEM. Tem

gente até que desdenha dessa crença, mas ninguém ousa desafiar o que dizem os mais velhos. E não existe avó que não tenha uma história de lobisOMEM pra contar, nem que seja de ouvir dizer.

Contam que, ao nascer, a criança-lobisOMEM é pálida, magra e possui orelhas um pouco compridas, mas que só depois que completa 13 anos de idade é que o bicho incorpora mesmo. Dizem que é exatamente na primeira noite de terça ou sexta-feira depois do 13º aniversário que o rapazinho pega o mundo, vira lobisOMEM e ataca as pessoas que zanzam pelas madrugadas. Dizem também que a chance de ataque aumenta se a pessoa não for batizada. Daí o costume de batizar as crianças logo que nascem...

Por onde ele passa, açoita os cachorros, desliga luzes, espanta as corujas e outros animais da noite, além de uivar de forma aterrorizante, sempre olhando para a Lua. O encanto só se quebra com o nascer do Sol, que é quando ele volta para casa e dorme como um anjo, até acordar, novamente homem, sem se lembrar do ocorrido...



Lúcia Resende
Professora

@mluciares

Pague em dia seu
IPTU 2016
e aproveite os descontos

50%

Até 11 / 04 / 2016

30%

Até 09 / 05 / 2016

20%

Até 10 / 06 / 2016

Imprima seu carnê no site valparaisodegoias.go.gov.br

Valparaíso de Goiás foi apontado pelo Ranking Nacional de Transparência do Ministério Público Federal como o município mais transparente do entorno de Brasília e o quinto do estado de Goiás.

Acompanhe a nossa prestação de contas no Portal da Transparência.

SECRETARIA MUNICIPAL DE FINANÇAS
Superintendência de Arrecadação Tributária



CHIQUINHA GONZAGA

Pioneira dos Carnavais

Zezé Weiss

Compositora. Pianista. Maestrina. Regente. Professora. Carnavalesca. Pioneira. Abolicionista Libertária. Francisca Edwiges Neves Gonzaga, a mulher que, em 1899, inaugurou a história do Carnaval carioca com a música Ó abre alas, partiu desse mundo em um 28 de fevereiro, véspera de Carnaval.

No tempo em que por aqui passou (1847-1935), a filha de mãe preta forra com pai militar e aristocrata fez do seu viver um constante exercício de luta por direitos e liberdades, causando sempre grandes escândalos em seus dias.

Pelos costumes da época, o pai a fez casar aos 16, com grandes pompas. Aos 20, ante a exigência do marido de que deixasse a música para cuidar do lar, acabou com o casamento. "Não entendo da vida sem música", teria dito Chiquinha ao sair de casa.

Declarada morta em vida pelo pai por ter "manchado a honra" da família, para sobreviver, Chiquinha teve que mergulhar no trabalho, transformando o piano, seu lazer desde criança, em fonte de renda. Corajosa, além de dar aulas em casas particulares, tocava piano em um conjunto musical. Com isso, acabou por

criar remunerada a profissão de pianista, ou de música, até então inédita para a mulher. Foi um reboleço.

Aberta, sem preconceitos, a moça educada para ser dama de salão, separada de um promissor empresário e apaixonada por um engenheiro, passou a incorporar ao seu piano as mundanas polcas, tangos e valsas que imperavam no ambiente musical do Rio de Janeiro durante o Segundo Reinado. O sucesso da composição com que estreou nos salões, a polca Atraente (1877), complicou ainda mais a sua reputação.

Inquieta, também escrevia partituras para o teatro musicado, onde estreou em 1885 com a opereta A Corte na Roça. A música ganhava mais uma profissão feminina, a de maestrina. Daí pra frente, o Brasil conheceu dezenas de peças de teatro musicadas por Chiquinha Gonzaga.

Entre a música, o trabalho e o cuidado com os quatro filhos (só um vivia com ela), Chiquinha dava um jeito de também ser militante política. Abolicionista, vendia suas partituras para fortalecer as finanças da Confederação Libertadora. E foi vendendo partituras que comprou a alforria de um músico chamado José Flauta.

Inconformada com a exploração por que passava no trabalho como música, a "sindicalista" Chiquinha criou, no ano de 1917, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), a primeira sociedade arrecadadora de direitos autorais no Brasil. Era Francisca, a cidadã engajada, fazendo história como precursora na defesa de direitos e à frente das grandes causas de seu tempo.

Da mesma forma, na vida pessoal ousou descasar, apaixonar, separar de novo. Aos 52 anos, já artista reconhecida, conheceu o adolescente português João Batista Fernandes Lage que, de tão apaixonado, contrariando todas as regras da época, passou a assinar João Batista Gonzaga. Com Joãozinho, como o chamava, viveu até o fim de seus dias, aos 87 anos.

Sob todas as perspectivas, o sucesso lhe chegou em vida. Mas foi na virada do século XIX para o século XX, em 1899, que a primeira chorona, a primeira pianista de choro, a primeira mulher remunerada por seu trabalho na música brasileira, compôs a marchinha carnavalesca Ó abre alas e, com isso, imortalizou-se no imaginário do samba como a foliã de todos os carnavais.

Ó ABRE ALAS



Ó abre alas
Que eu quero passar
Ó abre alas
Que eu quero passar
Eu sou da lira
Não posso negar
Eu sou da lira
Não posso negar
Ó abre alas
Que eu quero passar
Ó abre alas
Que eu quero passar
Rosa de Ouro
É que vai ganhar
Rosa de Ouro
É que vai ganhar



Ó abre alas
Eu quero passar
Ó abre alas
Eu quero passar
Rosa de Ouro
Não pode negar
Rosa de Ouro
Não pode negar

*Letra consagrada pela tradição popular.
** Letra presente no manuscrito.

chiquinhagonzaga.com



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss



MP-GO PEDE A SUSPENSÃO DAS OSs NA EDUCAÇÃO



O promotor de Justiça, Marcelo Henrique dos Santos defende a suspensão da implantação das OSs em Goiás. Ele afirmou que, à luz da legislação, o projeto está protegido, entretanto, é preciso observar se o processo obedece aquilo que diz a lei. O promotor sugeriu que o processo seja adiado e que as discussões sobre a mudança sejam mais aprofundadas.

Marcelo Henrique dos Santos fez suas ponderações durante audiência pública realizada em Anápolis, na noite de 27/01. O ato foi determinado pelo juiz Carlos Eduardo Rodrigues de Souza, ao deferir pedido da Seduce de desocupação das oito escolas ocupadas por estudantes secundaristas contra a terceirização.

Nas últimas semanas, o governo fez uma ofensiva contra estudantes e trabalhadores em educação. De um lado, campanhas agressivas na mídia desqualificando o Sintego e defendendo as OSs, desmerecendo as argumentações dos profes-

sores, Sintego e pais de alunos. De outro, a invasão de escolas ocupadas pelo Movimento de Estudantes.

REAÇÃO

O Movimento Social goiano segue firme contra as OSs e a privatização do Ensino em Goiás. Professores, servidores da Educação, pais e alunos continuam mobilizados para fazer com que o Governo recue. O Sintego, juntamente com a CNTE, realizou no dia 02 último, ato público de repúdio às OSs. A manifestação, na Praça Cívica, em frente ao Palácio das Esmeraldas, contou com a presença de 27 entidades sindicais e movimentos sociais de todo o país.

O Ato Nacional contra as OSs uniu o movimento sindical de Goiás e do Brasil. Compareceram à Praça Cívica junto com o Sintego, militantes e dirigentes da CUT, SindSaúde, Stiueg, CTB, MST e MCP, UEE, UBES e o movimentos sociais como o Secundaristas Ocupam de Verda-

de, a Frente Popular de Goiás e Frente Povo sem Medo.

Além das mobilizações, a resistência continua. Os estudantes, expulsos ilegalmente pela PM ocuparam o pátio da Seduce e entregaram manifesto à secretária de Educação, Raquel Teixeira, pedindo a suspensão da implantação das OSs e a convocação de um plebiscito para discutir as OSs com a comunidade escolar. A Seduce ainda não se manifestou.

RASGANDO A CONSTITUIÇÃO

Analisando o Edital de Convocação das OSs, o assessor jurídico do Sintego, Geraldo Santana, fez um documento que foi entregue ao presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Goiás, Lucio Flávio de Paiva. O parecer jurídico do Sintego constata que:

- O item 2.21 da Clausula Segunda da Minuta do Contrato de Gestão das OSs estabelece que 30% dos professores da rede

estadual prestarão serviços às OSs e 70% serão contratados no regime da CLT. Sob essa realidade, em poucas décadas não haverá concurso público e nem a carreira de magistério no Estado, nem servidores efetivos, tampouco ninguém para contribuir para a previdência;

- No item 2.24, destaca-se que não haverá isonomia entre os professores efetivos e os contratados pela CLT, que terão salário menor, originando precarização do trabalho;

- O item 3.12 estabelece que o Estado vá "repassar ao parceiro privado recursos do FNDE da merenda escolar".

- O item 4.18 prevê uma "reserva de recursos para contingências trabalhistas"; ou seja, prevê alta rotatividade de professores por meio de dispensa e demissões;

José Geraldo Santana, que é ex-presidente do Conselho Estadual de Educação, destaca que o Art. 206 da CF, que define os princípios sobre os quais se assenta o ensino, preconiza,

no inciso III, a garantia do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas. E que esses valores supremos, infelizmente, ainda não ganharam a necessária dimensão no projeto do governo do Estado, para que a sociedade brasileira possa, efetivamente, ser fraterna, pluralista e fundada na harmonia social.

Com base neste parecer a presidenta do Sintego, Bia de Lima considera que é inaceitável que o dinheiro público seja repassado para que iniciativa privada cuide de uma atividade que é dever constitucional do governo. A dirigente observa que "as OSs ferem a Constituição Federal em vários aspectos, prejudicando a comunidade estudantil e os trabalhadores em educação. Pondera Bia: "Questionamos, por exemplo, a coexistência entre o público e o privado nas escolas, o fim do concurso público que leva ao fim da carreira, e os regimes de contratos. Como será a coexistência nas escolas de profes-

sores temporários, professores contratados pela CLT e os professores estatutários?"

O Sintego defende que a Seduce suspenda o início da implantação das OSs, atendendo ao pedido da comunidade estudantil. A direção do Sintego propõe que a Seduce dê início à discussão de um Projeto Político-Pedagógico, levantando todas as demandas da educação, ao invés de propor iniciativas apressadas como as OSs.

Convém ressaltar que a educação goiana ficou 1º lugar do País no ensino médio pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) para o ano de 2014. Fica a pergunta: se mesmo com dificuldades a escola pública mostra capacidade de apresentar resultados, por que privatizar as escolas?



Fotos: Rui Faquini

OS GRANDES HORIZONTES

Jaime Sautchuk

Em meados da década de 1960, o jovem Rui Faquini iniciou um período de nove anos no exterior, com destaque ao Japão, onde teve longas lições com um mestre zen-budista. Ele não viajava ao estilo bicho-grilo, da geração hippie, com uma mochila nas costas, comum naquela época, mas também tinha a cabeça a mil, atrás de novos horizontes.

Nos termos de Goiás, onde ele nasceu, em 1943, a topografia é ondulada, ou acidentada, o que explica o nome de sua cidade natal: Morrinhos. Cenário muito bonito, mas parecia limitar as alvoradas e poentes, de modo que, desde guri, ele buscava ampliar o campo de visão, no olhar e na alma. Assim, se atirou no mundo, que resolveu re-

tratar, como fotógrafo.

Talvez por isso, de sua farta e variada obra, a parte que eu mais gosto são as em plano aberto, focando amplitudes, no Grande Sertão Veredas, Amazônia, cidades históricas e em muitos outros cantos do Brasil e do mundo. No entanto, seu trabalho meticuloso, detalhista, sempre foi respeitado e admirado, como peças publicitárias, fotos documentais ou acervo de pura arte.

Essa viagem pela imagem começou com as romarias que via na infância. E com sua transferência pra Brasília, em 1958, quando a nova capital ainda era um canteiro de obras, estava em plena construção. Órfão de mãe, seu pai era lavrador de poucos recursos, empregado de uma fazenda da região, de modo que a saída do filho tinha forte dose de aventura.

Era um período de mudanças, e sua cidade sofria os impactos da construção de estradas que ligavam o Sudeste do país ao Centro-Oeste. Rui seguia a marcha do progresso, que indicava o rumo de Brasília, com parada pra estudos em Anápolis, cidade mais antiga, próxima de Goiânia. Ele tinha 15 anos de idade e precisava se virar.

Sua sorte, lembra ele, foi que emprego não faltava naquela nascente capital - trabalhadores eram caçados a laço ainda na estrada. O fato é que ele arranjou emprego de office-boy da Novacap, a empresa pública responsável pela construção. Logo, porém, foi promovido a escriturário do Departamento de Parques e Jardins, subordinado à empresa, onde ficou por quatro anos.

Entretanto, passar o resto de sua vivência como barnabé não era bem o que ele sonhava. Neste período, ouvia falar de grandes fotógrafos, dentre os quais Otto Stupakoff, com quem anos depois teve a iniciação naquela que viria a ser sua profissão.

Vale lembrar que Stupakoff era fotógrafo da revista Manchete e foi escolhido pelo arquiteto Oscar Niemeyer pra documentar todo o processo de

construção de Brasília. E se tornou conhecido mundialmente por sua atuação em grandes revistas e grandes eventos, em vários continentes. Boa escola, pois.

Em 1965, Rui Faquini já tinha formado um pé-de-meia e resolveu deixar o país e percorrer diversos países da Europa. Estudou fotografia na Suíça e trabalhou em várias atividades na Alemanha, Itália, Inglaterra e Portugal.

Já casado, acompanhou sua mulher, funcionária do Itamaraty, num período em que ela serviu na embaixada brasileira em Teerã, no Irã. Lá, ele se encontrou com Stupakoff e com ele participou de um ensaio fotográfico sobre os costumes iranianos, em especial as atividades religiosas.

Naquela época, esse país vivia a última fase da dinastia dos Reza Pahlevi, uma ditadura que, embora pró-ocidental, era bastante fechada em termos políticos e culturais. Assim, o trabalho foi feito meio às escondidas.

O mesmo ele fez, tempos depois, já como fotógrafo profissional, na antiga Iugoslávia, um aglomerado de repúblicas com governo central em Belgrado, na Sérvia. Por encomenda de uma publicação suíça, Rui produziu material sobre as muitas práticas religiosas daquele país socialista.

De volta ao Brasil, em 1974, ele resolveu encarar o mercado e trabalhar como freelancer na área de documentários fotográficos. A realidade, porém, o forçou a produzir de tudo um pouco. Passou a atuar em publicidade, por exemplo, inclusive em uma agência que tinha a conta da principal rede de supermercados da capital federal, o chamado "varejão", no jargão do setor.

Paralelamente, porém, ele sempre atuou também em projetos especiais, sob encomenda ou por conta própria, com o que granjeou grande reconhecimento no mundo da fotografia. Hoje ele tem obras, por exemplo, no Museu Francês de Fotografia.

Separado da primeira mulher, em 1977 ele passou a con-

viver com Liana Fraifeld, que veio a ser sua parceira também na atividade profissional. Desde então, ela é a responsável pela produção e administração das atividades, concentradas na empresa que criaram na década de 1980, a Faquini Produção Fotográfica.

A obra de Rui Faquini está espalhada numa infinidade de suportes, que vão de cartazes, folhetos, salas de gabinetes, até paredes de museus, escolas e residências. Boa parte está, de igual modo, em mais de 40 livros sobre os mais diversos temas, alguns dos quais puramente autorais.

Um desses livros é o "Grande Oeste", poderoso documento sobre os ambientes do Centro-Oeste brasileiro. Outro, da mesma estatura, é o "Cidade de Goiás - Patrimônio da Humanidade", sobre a antiga capital do Estado, com textos do historiador Paulo Bertran e financiado por uma empresa privada.

Há dois anos, ele deu início a uma experiência com o artista plástico Siron Franco, também goiano. Juntos, eles montaram uma exposição (ou instalação) em que denunciam a destruição do Cerrado brasileiro.

Trata-se de uma mistura de fotos sobre os mais diversos aspectos desse bioma, de insetos a tratores, com peças produzidas a partir de troncos e ramas de árvores, carvão, grãos de soja e assim por diante. A mostra fez parte da estrutura da Rio+20, evento de repercussão internacional.

Há muitos anos, Rui Faquini mora com Liana e três dos seus quatro filhos no Sítio Quero-Quero, na zona rural do Distrito Federal. Em Brasília, fundou a Galeria Fotoponto, em 2010, um espaço que ele criou no enorme centro hoteleiro e empresarial Brasil 21, onde manteve seu estúdio até o final de 2015.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

SÃO

**AVANÇOS
SUSTENTÁVEIS
NA MAIOR CIDADE
BRASILEIRA**

PAULO

Vânia Viana

Completados 462 anos, São Paulo vive uma resistência típica daqueles que a edificaram, os nordestinos. A metrópole poderia ter surgido por entre as paisagens secas do sertão, tamanha sua capacidade de reinvenção e resiliência.

No passado conhecida por "Terra da Garoa" (dado os outonos, especialmente, em que ficava encoberta por um chuvisco fino e persistente), foi sendo concretada: chão, paredes e tetos, e o "mar" foi virando "sertão". Em menos de cinco décadas a cidade se viu confinada a si mesma.

A "lógica" da mercantilização, aliada à falta de pla-

nejamento, o avanço da especulação imobiliária, a priorização pelo transporte individual e o que dele advém (viadutos, pontes, rodovias e uma deprimente desconstrução humanística, urbanística e paisagística) fizeram de São Paulo o túmulo da sustentabilidade.

Nos últimos anos, importantes medidas vêm sendo tomadas para resgatar o bem-viver, e já podem ser sentidas em vários aspectos transformados na megalópole que exala amor, humanidade, solidariedade, políticas públicas humanizadas para o transporte, arte, lazer, alimentação sem veneno, direitos e deveres e, dentre

eles, o maior: o direito à vida.

Em boa parte, essas transformações resultam de inúmeros encontros, reivindicações, diálogos, debates promovidos pelo movimento social e sindical, por cidadãs e cidadãos engajados, bem como por outros, que mesmo não engajados contribuem com seu trabalho para uma cidade mais sustentável.

Pequenas iniciativas se somam às grandes quando a população cobra, e a gestão responde à altura das exigências. Há ainda um "sus-to", uma desconfiança e até uma incompreensão porque, de fato, é pouco tempo para tamanho avanço.

Quando um plano diretor impõe limites à ganância aliada ao mau gosto e determina que os prédios em determinadas regiões tenham limites de andares e quando se estabelece que se tenha apenas uma vaga de carro por apartamento, a cidade se enxerga e respira.

Quando se priorizam os corredores de ônibus em detrimento ao transporte individual, quando se iluminam as ruas dos bairros que estão nas franjas da cidade, a população, em especial as mulheres, sentem-se mais seguras, e isso também é sustentabilidade.

Quando a merenda escolar passa a ter a condicionante de no mínimo 30% da compra para a agricultura familiar via compras sustentáveis, produtos da economia solidária, e são pensadas feiras, sacolões, canais diretos de diálogo entre a gestão e a produção agroecológica e orgânica, a cidade se movimenta, se oxigena e se torna mais fraterna e generosa, mais sustentável.

Quando se estabelecem políticas de fomento, arranjos produtivos locais e investimentos públicos, que atraem também os privados, as áreas rurais e as aldeias indígenas, a exemplo de Pareheiros e Jaraguá, passam a estar mais integradas à metrópole.

Quando movimentos de permacultura se multiplicam, e se incentivam lavagens ecológicas, bioconstrução e integração com a natureza e a riqueza de seus elementos, se-

meia-se a paz, um pouco mais de paz.

Quando as ciclovias tornam a cidade mais frequentável e dão acesso e direito de ir e vir a quem mais necessita, as ruas deixam cada dia mais de ser dos carros e voltam a ser do povo.

Quando a população cobra, e a gestão pública executa, a política pública acontece e todos nos torna-

mos parte dela. A redução da velocidade dos carros humaniza, não pelo amor, e sim pela dor no bolso, mas saber quantas vidas são salvas compensa e nos faz sorrir, pois somos também parte deste salvamento.

Disso conclui-se que além de existir, sim, muito amor, já existem também avanços rumo a vida mais sustentável na maior cidade brasileira.



Vânia Viana
Ambientalista

A Educação: ferramenta e caminho

Desenvolver o conhecimento é uma árdua missão que chega à sociedade como bandeira de esperança futura e carrasco presente. Há uma inabilidade na maneira de o aluno compreender a escrita, um defeito (acima de qualquer outra causa) de compreensão leitora. Isso é fatídico porque a língua é, de todas as formas, nosso maior veículo de receber e passar informações. E o seu acompanhamento acadêmico é, na grande maioria das instituições de ensino, falho. Embora o estudante esteja em contato com a mesma durante todo o tempo e seja, independentemente de sua formação, um conhecedor da língua.

Dessa forma, a única maneira

de levar o aluno a aprender seria com base no que ele já sabe. Os conhecimentos prévios seriam os suportes em que o novo conhecimento se apoiaria, utilizando-se do processo de ancoragem (David Ausubel, 1980).

Somos filhos das mais diversas formas de linguagens. Portanto, devemos usar o contato consuetudinário do aluno com as linguagens em seu amplo leque de existências para viabilizar o desenvolvimento de novos conhecimentos. A educação é a origem de tudo, e o maior instrumento de aprendizagem é a própria palavra.

A educação é a única ferramenta que temos para o desenvolvimento do ser que, em cadeia,

transforma o todo em uma evolução constante e efetiva. O indivíduo e a sociedade construindo um futuro melhor por meio da formação educacional dirigida.

Coloca-se o estudante, portanto, como centro do processo de ensino e aprendizagem, recorrendo-se a recursos acessíveis às suas específicas formas de percepção e compreensão. Como consequência, o aluno acaba por adquirir os conhecimentos necessários das disciplinas abordadas e, também, por formar seu eu social, cumprindo a visão de que a casa escolar é além de um lugar para oferecer saberes, mas um lugar que possibilita a interação e formação de indivíduos ativos, críticos e conscientes.



Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno
Diretor Administrativo - Instituto Galileu



No Cerrado Tem...

Iêda Vilas-Boas

No Cerrado tem
Ninguém mandou plantar,
Nem precisou colocar:
Buriti, cagaita, ipê-amarelo...

Tem jatobá cheiroso, o pequi tão gostoso
E fogo-apagou a avisar
Tem caviúna, mangaba e sabiá-laranjeira,
Que canta pra nos alegrar!

Tem perdiz, beija-flor cantador
E caliandra vermelha
Pra terra enfeitar!

Tem sucupira, canela-de-ema,
Quero-quero ligeiro e caracará!
Tem gavião-caboclo, urubu-rei,
E arara azul muito linda,
Pra gente admirar!

Tanta planta e tanto bicho, e a gente só precisa preservar!



Iêda Vilas-Boas
Escritora

Este poema foi presente, bordado no vestido do aniversário de 10 anos da sobrinha Ana Beatriz, hoje menor-aprendiz da equipe Xapuri.



INDICAÇÕES PARA O CAMINHO CERTO

Leonardo Boff

Importa buscar respostas, inspiradas em outras fontes e em outras visões do futuro para o planeta e para a humanidade.

Essas respostas não se encontram prontas em algum recanto privilegiado da Terra. Nem em algum livro ancestral. Nem em mestres ou gurus com novas ou antigas técnicas de espiritualização. Nem em alguma profecia escondida. Nem em iniciações rituais e mágicas. Nem simplesmente em caminhos terapêuticos à base de produtos naturais.

Devemos aprender de todas essas propostas, mas cavar mais fundo, ir mais longe e evitar soluções calcadas sobre uma única razão. Importa inserir outras dimensões para enriquecer nossa visão.

Nesse sentido, as respostas vêm sendo formuladas concretamente pelo conjunto das pessoas que ensaiam práticas significativas em todos e em todas as situações do mundo atual.

Portanto, não há um sujeito histórico único. Muitos são os sujeitos dessas mudanças. Elas se orientam por um novo sentido de viver e de atuar. Por uma nova percepção da realidade e por uma nova experiência do Ser. Elas emergem de um caminho coletivo que se faz caminhando.

Com efeito, cresce seminalmente um novo paradigma de re-licação, de re-encantamento pela natureza e de com-pai-

xão pelos que sofrem; inaugura-se uma nova ternura para com a vida e um sentimento autêntico de presença amorosa à Mãe-Terra.

Essa viragem se mostra pelo crescimento dos grupos que cultivam a ecologia, a meditação e a espiritualidade; cresce o número dos que acompanham com atenção o impacto ambiental dos projetos realizados pelas empresas privadas ou pelo estado; muitos são os que, em todas as questões abordadas, incorporam a perspectiva da Terra como um todo vivo e orgânico (...)

Aumenta a consciência da corresponsabilidade pelo único planeta que temos, por sua imensa biodiversidade e por cada ser ameaçado de extinção (...). Por toda parte se formulam ânsias de paz perene com as demais espécies e com a Terra.

Esse novo contrato social se assenta na participação respeitosa do maior número possível, na valorização das diferenças, na acolhida das complementaridades e na convergência construída a partir da diversidade de culturas, de modos de produção, de tradições e de sentido da vida.



Leonardo Boff
Filósofo, Teólogo, Escritor
leonardoboff.com
Excerto do livro Saber Cuidar,
18ª Edição, Editora Vozes, 2014



MINHA CAPITAL



SIGA o MAIOR  Instagram

SOBRE BRASÍLIA:



@MinhaCapital



*Nós fazemos a Xapuri acontecer.
Você, com sua assinatura,
faz a Xapuri continuar acontecendo!*

**ASSINATURA ANUAL
12 EDIÇÕES**

R\$ 99

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE